

Preocupação é mercado americano

“Nossa preocupação agora é o mercado americano”, diz o economista sênior do Bank of Boston, James Thornbuade. E há duas boas razões para que os bancos americanos se preocupem agora com o mercado americano: a economia está aquecida, com a demanda por créditos aumentando, e está em andamento um processo de concentração bancária que deve fechar as portas da maioria dos 13 mil bancos do país.

“A questão crucial para nós agora é definir quem vai sobreviver”, diz o economista, que trabalha para um dos 15 maiores bancos, estando portanto numa confortável vantagem sobre os demais.

A exagerada pulverização bancária seria “uma coisa anacrônica”, na opinião de Thornbuade. “O Canadá, por exemplo, não tem mais de seis bancos.” Essa pulverização foi possível por leis que aos poucos estão perdendo o sentido e que agora têm prazo definido para deixar de vigorar. Essas leis dificultavam, e às vezes proibiam, a expansão dos bancos em vários estados. O resultado foi que cada pequena cidade dos Estados Unidos tem o seu próprio banco e todos têm representação em Washington. Seriam, na opinião dos dirigentes dos grandes bancos, onerosos e ultrapassados. Prova disto é o problema enfrentado por uma infinidade de pequenos bancos e instituições de captação de poupança em todo o país, exigindo do Federal Reserve ou dos grandes bancos apoio na defesa dos interesses dos investidores e depositantes.

Nessas ações os grandes bancos vão se expandindo e aumentando seus esfor-

ços no mercado americano. O Citibank, por exemplo, não podia atuar na Califórnia. Entrou para salvar uma pequena instituição de poupança em crise e já está atuando no cobiçado mercado.

Os bancos se preparam de todas as maneiras que podem para enfrentar a guerra criada por essa *desregulação* do mercado bancário que se vai completar em 1991. O Wells Fargo, por exemplo, encerrou suas operações em Londres, Madri, Caracas, Santiago e Lima para melhor brigar pelo mercado da Costa Oeste. O Bank of California, que se está fundindo ao Mitsubishi, optou por se desfazer de parte substancial da dívida da América Latina e, no Brasil, transformá-la em linhas de curto prazo de maior liquidez e menos problemas. Outro banco, de Nova Iorque, explica que se espalhou pelo mundo no momento em que os outros bancos americanos fizeram o mesmo. “Na década de 70, os bancos ficaram loucos”, diz o executivo, acrescentando que agora os bancos retornam às bases porque perceberam que a economia americana cresceu rápido demais.

A todo vapor — Fora esta questão da *desregulação* bancária com a deflagração de uma guerra de morte entre as instituições, há outro fator convocando os bancos a olharem para o próprio mercado: a economia está em acentuada expansão a tal ponto que os economistas têm criticado Fed por não estar fazendo uma política monetária mais apertada.

Alguns exemplos dessa euforia: os empréstimos concedidos pelo setor ban-

cário à indústria e ao comércio aumentaram US\$ 22 bilhões nos primeiros cinco meses do ano. Isso é mais do que o aumento de todo o ano passado. Os imóveis em São Francisco tiveram uma valorização de 20% em dois meses e isso pelo aumento da demanda por casa própria. Em quatro meses, o aumento das vendas de imóveis novos subiu 8,4% em todo o país.

Kenneth Arrow, Prêmio Nobel de Economia, acha que o governo precisa começar a fazer já o *slow down* da economia antes que os problemas se agravem. “A questão hoje é que os esforços para parar a economia estão muito fracos”, diz Arrow. Depois das eleições, no entanto, deve ser colocada em prática uma política mais rígida que consequentemente elevará os juros. Nove entre dez bancos nos EUA trabalham com a hipótese de aumento dos juros a curto prazo. E quando eles subirem isso vai significar um custo maior da dívida brasileira.

O executivo de um banco que participa do comitê dos bancos credores na negociação com o Brasil acha que isso não será problema para o país. “Fizemos todas as projeções do acordo como se o país fosse ter US\$ 13 bilhões de saldo comercial, mas na verdade vai ter US\$ 15 bilhões”, diz o banqueiro, sugerindo que um custo extra provocado pelo aumento dos juros seja pago com o saldo extra.

★ A editora Miriam Leitão passou três semanas viajando pelos Estados Unidos, a convite do governo americano, onde manteve vários encontros com banqueiros e economistas especializados em dívida externa.